

3. COMENTÁRIO – A metáfora e a metonímia

Como disse acima a primeira pergunta quis indagar a relação entre o trabalho de Freud e o de Saussure, a segunda, quis indagar a relação entre o trabalho de Saussure, Lévi-Strauss e Lacan e esta, por sua vez, quer indagar a relação entre o trabalho de Jakobson e Lacan.

Com efeito, Lacan rende homenagem a Jakobson¹ por ter formulado com precisão que a metáfora e a metonímia devem ser situadas na cadeia significante, isto é, na substituição de um significante por um outro, para a metáfora, e na conexão de um significante a outro, para a metonímia. Para Jakobson, isto é, para a poética, a substituição se faz por similaridades e a conexão por contigüidades.² Para Lacan, isto é, para a psicanálise, o resultado é outro, porque não se trata do que torna legível um significado [não se trata do *lecton*]³.

A noção de que o significante significa algo, de que alguém se serve do significante para significar algo, chama-se, como vimos acima, *Signatura rerum*.⁴ O significante, como tal, não significa nada. É mesmo essa a idéia do inconsciente. O inconsciente é o significante, isto é, um saber que não significa nada.

Para Lacan o resultado é outro na medida em que se interessa pelo que chamou de efeito Saussure, efeito de dirupção [que arruína, que destrói, que provoca ruptura] do significado pelo significante. Seu ponto de basta [*point de capiton*], ponto no qual o significante detém o deslizamento da significação, que de outro modo seria indefinido, quer ilustrar esse efeito.⁵ Diversos paradigmas psicanalíticos ocupam a posição de ponto de basta: o complexo de Édipo, o Nome do Pai, o significante do falo [Φ], o significante-mestre [S_1], o sintoma [Σ], quarto nó do RSI.

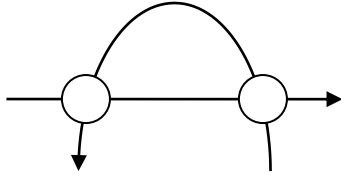
¹ Ver Escritos, p. 509, Seminário III, p. 250 e Seminário XX, p. 24.

² Ver nota 20.

³ Uma das operações dos estóicos.

⁴ Ver Seminário III, p. 211.

⁵ Ver Escritos, p. 820, Seminário III, cap. XXI e Seminário XVII, p. 181



O ponto de basta é a função diacrônica na frase, na medida em que ela só fecha sua significação após seu último termo: o que se chama de efeito retroativo. Por sua vez a estrutura sincrônica determina a metáfora, a atribuição primária.

O fenômeno da psicose, o fenômeno alucinatorio está aí interessado porque nele é a frase interrompida que fará precariamente esta função.

A frase é interrompida exatamente no momento em que o significante que lhe daria sentido falta: Vocês falam ainda... línguas estrangeiras? Agora nos falta... o pensamento principal.

Aí se pode notar a importância de um outro paradigma da psicanálise: a relação do significante com o significado. O paradigma da psicanálise está na passagem do significante ao significado. Na passagem do significante ao significado, na ultrapassagem dessa barra que não é a barra de uma fração, mas a do real, perde-se gozo.

No Seminário sobre as psicoses Lacan comenta a peça de Racine: Atália⁶ para destacar o Pai [Deus] como ponto de basta. Na peça a frase interrompida é proferida por um soldado de Abner, oficial da rainha: *Sim, eu venho em seu templo...* não se sabe como a frase vai se completar, isto é, se sua apódose será: *prender o Sumo-Sacerdote*, ou se será: *adorar o Eterno*. É preciso que a frase seja terminada para que se saiba de que se trata.

Na segunda estrofe – *Receio que Atália...* - já aparece o significante que, Lacan dirá, será o *point de capiton*: o temor. O temor a Rainha – que mandou matar

⁶ Seminário III, cap. XXI.

Atália (séc. IX a.C.) Rainha de Judá de 841 a 835 a.C. Assumiu o poder depois da morte do rei Acazias, seu filho, e mandou matar todos os herdeiros ao trono. O neto Joás escapou à matança e foi proclamado rei seis anos depois. Barsa Planeta Internacional Ltda.

Atália, tragédia em cinco atos e em verso de Racine, que Voltaire qualificou de " a obra prima do engenho humano" (1702).; O assumpto é a conspiração do grão-sacerdote Joad, a enthronização de Joas e a morte da rainha. Foi representado pela primeira vez em público em 1702 , em casa da duquesa de Bouillon. Os coros foram musicados por J-B Moreau e, modernamente, por Mendelssohn e J. Cohen. LELLO Universal Novo Dicionário encyclopédico luso brasileiro - Pôrto - Lello e irmão Editores.

todos os herdeiros do trono - o temor a Deus, o temor ao Pai que torna todos os outros temores secundários.

O que Freud evoca no complexo de Édipo é esse temor ao pai que funciona como ponto de basta entre o significante e o significado. Esse paradigma do Pai é atualizado para o significante-mestre [S₁] no Seminário XVII.⁷

Creio que se pode falar de ponto de basta também em relação à frase interrompida do Cônego Matias:⁸ *Vem do Líbano, esposa minha, vem do Líbano, vem...* era assim que na cabeça do cônego um substantivo procurava um adjetivo; é assim que um significante procura um significado; como toda sorte de vocábulos eles estão divididos por motivo de diferença sexual... e quando se amam e se casam, o casamento deles chamamos estilo.

Em Bonneval, Laplanche e Leclaire se arrojam a fazer do ponto de basta “ancoradouro” da linguagem no inconsciente:

“O inconsciente é a condição da linguagem. Interdependência dos sistemas pré-consciente e inconsciente. Posição do problema: linguagem e processo primário. O mecanismo da condensação, *Verdichtung*... pode ser aproximado da metáfora... esse mecanismo está ligado ao recalque... o deslocamento, *Verschiebung* corresponde à metonímia... esta análise obriga a identificar o que Freud nomeia processo primário, o livre escoamento da energia libidinal segundo as direções do deslocamento e da condensação com as leis fundamentais da lingüística... no próprio Freud vamos encontrar objeções a isto pois o que põe em relação com a linguagem é essencialmente o sistema pré-consciente e o processo que o caracteriza: o processo secundário... a linguagem que em Freud funciona como processo primário é a da psicose... porque trata as palavras como coisas... sem dúvida o problema reside, como adverte Lacan, na barra que separa o significante do significado [S/s], barra que resiste à transposição... é aqui que Lacan introduz sua teoria dos pontos de basta: em certos

⁷ Ver p.181.

⁸ Machado de Assis. O cônego ou metafísica do estilo. Obra completa, vol. II. Editora Nova Aguilar. Rio de Janeiro, 1992, p. 570.

pontos privilegiados, a cadeia significante viria a se fixar no significado...para diferenciar neurose e psicose Freud foi levado a distinguir a representação da coisa [*Sachevorstellung*] da representação da palavra [*Wortvorstellung*]... ambas são significantes, mas a primeira caracteriza o inconsciente e a segunda o pré-consciente...se tomamos o exemplo do *fort-da*, para explicar a origem do inconsciente, vemos que em um primeiro nível de simbolização as oposições significantes é jogada sobre o universo subjetivo; esse sistema é coextensivo do vivido; o segundo nível de simbolização é o que Freud chama de recalque originário e Lacan chama de metáfora... essa segunda etapa pode ser denominada, utilizando-se um termo que Merleau-Ponty utiliza a propósito da percepção, de *ancoradouro* no mundo simbólico...⁹

Lacan responde aí mesmo, posto que está presente, que a concepção do inconsciente destes autores vai em direção oposta à sua e à equivalência que faz respectivamente entre condensação e metáfora e deslocamento e metonímia.¹⁰

No presente texto, então, se ocupa novamente desta distinção. A condição dessa equivalência é a da barra saussuriana, que não representa uma proporção, nem se traduz por uma barra de fração, porém, tal como é para Saussure, se constitui como borda real.

A metáfora opera um efeito de sentido, isto é, um efeito sujeito [\$], posto que é esse efeito que um significante [S₁] representa diante de um outro significante [S₂], não de significação, que é o efeito da *Signatura rerum*, o efeito do signo lingüístico.

“Seu feixe não era nem avaro nem rancoroso”,¹¹ ilustra a fórmula da metáfora – uma palavra por outra – no caso – o feixe que remete a Booz, que perde seu lugar na cadeia, mas ganha a promessa da paternidade, segundo Victor Hugo interpreta a história de Ruth em seu poema “Booz adormecido”. É portanto entre o significante de um nome próprio – “Booz não era nem avaro nem rancoroso” - e aquele que o abole metaforicamente que se produz o ato poético.

⁹ Laplanche, Jean e Leclaire, Serge. O inconsciente: um estudo psicanalítico. *O inconsciente*. Vol. I. VI Congresso de Bonneval. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1969, p. 111-154.

¹⁰ *Ibid*, p. 188-199.

¹¹ Ver “Instância da letra”. Escritos, p. 510-519.

A *Entstellung*, a transposição, é o deslizamento do significado sob o significante. As duas vertentes da incidência do significante no significado encontram-se nela e são: a *Verdichtung* ou condensação – a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora e que condensa a *Dichtung*, a poesia em seu nome - e a *Verschiebung* ou deslocamento – o transporte da significação que em Freud é o meio mais adequado de despistar a censura.

A tópica do inconsciente poderia então ser esboçada a partir destas duas operações: partindo-se do algoritmo [S / s] podemos chegar à estrutura metonímica [f(S...S') S ≡ S (-)s] assim definida: “a conexão do significante com o significante permite a elisão mediante a qual o significante instala a falta a ser na relação de objeto, servindo-se do valor de envio da significação para investi-la com o desejo visando a falta que ele sustenta. O sinal (-) indica a manutenção da barra, que marca no primeiro algoritmo a irreducibilidade em que se constitui, nas relações do significante com o significado, a resistência da significação”.

A estrutura metafórica [f(S'/S) S ≡ S (+) s]: “na substituição do significante pelo significante se produz um efeito de significação que é de poesia ou criação. O sinal (+) indica a transposição da barra assim como a emergência da significação. Essa transposição exprime a condição da passagem do significante para o significado que se confunde com o lugar do sujeito”.

O lugar do sujeito é o problema crucial da psicanálise.

O efeito de condensação é algo distinto da metáfora no sentido que parte do recalque e faz o retorno do impossível, do limite no qual se instala pelo simbólico a categoria do real. O que talvez se possa chamar de realmente simbólico.

O simbolicamente real não é o realmente simbólico. O realmente simbólico é o simbólico incluído no real, que tem efetivamente um nome - isto se chama a mentira. O simbolicamente real, ou seja, isto que do real se conota no interior do simbólico, é a angústia. O sintoma é real. É mesmo a única coisa verdadeiramente real, quer dizer, que conserva um sentido no real. É bem por essa razão que a psicanálise pode, se existe a chance, intervir simbolicamente para dissolvê-lo no real.¹²

¹² Jacques Lacan. L'insu-que-sait de l'une-bévue s'aile a mourre. Seminário de 15 de março de 1977. A escroqueria psicanalítica.

Um exemplo de condensação tipográfico: aquele que as pregas da bandeira deixa ler: sonho de ouro [*revê d'or*], palavras que se deslocam por escrever: revolução de outubro [*révolution d'octobre*], indica que o significante ressurgue como fífia [voz ou som desafinado e agudo] no significado da cadeia superior à barra e que se está decaído dela, é por pertencer a uma outra cadeia significante que em nenhum caso deve coincidir com a primeira, posto que ao fazer discurso com ela, este muda em sua estrutura.

Eis aí mais que o necessário para justificar o recurso à metáfora, para fazer entender como, ao operar a serviço do recalque, ela produz a condensação notada por Freud no sonho.

Porém, em lugar da arte poética, o que aqui opera são razões, isto é, efeitos de linguagem, na medida em que são prévios à significância [o aspecto do signo, que lhe permite entrar no discurso e combinar-se com outros signos] do sujeito, porém que o tornam presente por não poder ainda atuar como representante.

Esta materialização intransitiva [que não admite complemento] do significante ao significado, é o que se chama o inconsciente, que não é ancoradouro, mas depósito, aluvião¹³ da linguagem.

“Tenho visto muitas crianças pequenas, a começar pelas minhas. O fato de que uma criança diga talvez, ainda não, antes mesmo de ser capaz de construir verdadeiramente uma frase, prova que há algo nela, uma peneira que se atravessa, através da qual a água da linguagem chega a deixar algo para trás, alguns detritos com os quais jogará, com os quais necessariamente terá que arranjar-se. É isso o que lhe deixa toda essa atividade não reflexiva – os restos aos quais mais tarde – porque ele é um prematuro – se agregarão os problemas do que vai lhe assustar. Graças a isto ele irá fazer a coalescência, por assim dizer, dessa realidade sexual e da linguagem”.¹⁴

¹³ Depósito de cascalho, areia, argila e limo que se forma junto às margens ou à foz dos rios, proveniente do trabalho de erosão das enchentes ou enxurradas ou que se forma pelas correntes de água fluvial quando perdem velocidade.

¹⁴LACAN, J. Conferência de Genebra sobre o sintoma". 04/10/75.

O inconsciente é o que reúne no sujeito suas condições: ou ele não é, ou ele não pensa. Se no sonho ele não pensa, é por estar no estado do possível, do que pára de se escrever. No que se demonstra o que ele permanece ser ao despertar e pelo que o sonho se revela como a via régia do inconsciente.

A metonímia por sua vez atua com o gozo em que o sujeito se produz como corte, o faz estofo, porém para reduzi-lo por isso a uma superfície ligada a esse corpo, que já é feito do significante. Não que o significante precise de ancore na cócega mas que a permita entre outros traços com que se significa o gozo e cujo problema é saber o que se satisfaz nele.

A paixão do significante desliza no gozo do Outro, cujo lugar é um corpo. Operando com um metabolismo do gozo, cujo potencial está regulado pelo corte do sujeito, a metonímia cota como valor o que se transfere.

As trintas velas com que se anuncia uma frota, no exemplo tornado célebre por ser um lugar da retórica, por mais que velem trinta vezes o corpo de promessa que transportam retórica ou frota, nada fará que um gramático ou um linguísta faça disso o véu de Maia.¹⁵

Também se poderia tomar em vez de Quintiliano, Veloso: “turva-se a lagrima” se se quiser figurar a parte pelo todo.

Nada fará tampouco que um psicanalista confesse que ao fazer sua mágica sem levantar este véu sobre o ofício que administra, se rebaixe ao nível do prestidigitador.

Não há esperança portanto de que se acerque à mola da metonímia quando, ao fazer catecismo de uma interrogação de Freud, se pergunte se a inscrição do significante, sim ou não, se desdobra do que houvera do inconsciente (questão que ninguém fora de meu comentário de Freud, isto é, de minha teoria, não saberia dar nenhum sentido).

¹⁵ MAYA, na terminologia hindu, a matéria primordial, e mais tarde a ilusão enganadora, ou a energia creadora dos deuses. A palavra *maya* é uma das mais enigmáticas da theologia dos Vedas. No Rig-Veda, é a matéria primordial com que os deuses controem o universo. Na época brahmânica o sentido que prevalece, é o da aparência, da ilusão enganadora que os sêres tomam pela realidade. Na philosophia vedanta e na litteratura purânica, maya conserva o mesmo sentido mas toma também o de energia creadora dos deuses. Schopenhauer foi buscar `a Índia a doutrina de "maya". A illusão da felicidade causada pelo querer-viver não é mais que "maya". É o que permite aos sêres o viver, a-pesar da vida, segundo Schopenhauer, ser apenas lucta e soffrimento. LELLO Universal Novo Diccionário encyclopédico luso brasileiro - Pôrto - Lello e irmão Editores, volume 3, página 233.

Não seria no entanto o próprio corte interpretativo que, para o titubeante fora de jogo, é problema por dar consciência? Ela revelaria então a topologia que a comanda em um gorro cruzado, ou seja, em uma banda de Moebius. Pois, é somente deste corte que esta superfície, onde de qualquer ponto se tem acesso a seu avesso, sem que se tenha de mudar de lado, (em uma só face, portanto), se vê posteriormente provida de um direito e de um avesso. A dupla inscrição freudiana portanto não pertenceria a nenhuma barreira saussuriana, mas da própria prática que lhe coloca a questão, a saber, o corte que o inconsciente ao desistir-se testemunha que não consistia senão nele, ou seja, que quanto mais o discurso é interpretado mais se confirma ser inconsciente. Até o ponto em que só a psicanálise – na condição de interpretá-lo - descobriria que há um avesso do discurso.

Digo essas coisas difíceis por saber que a inaptidão de meus ouvintes os coloca em pé de igualdade com elas. Que o vício do psicanalista de ser alguém deslocado por seu ato mais do que qualquer outro o torne por outro lado inepto, é o que faz a cada um de meus *Escritos* tão circunlocutório para obstar que se sirva dele como de boca a boca.

É preciso dizer que o desejo de ser o mestre contradiz o próprio fato do psicanalista: é que a causa do desejo se distingue de seu objeto. O que a metonímia do lingüista testemunha está ao alcance de outros exceto dos psicanalistas.

Do poeta, por exemplo, que no pretense realismo faz da prosa seu instrumento.

Mostrei em dado momento que a ostra a tragar [imbecilidade] evocada pela orelha que Bel-Ami¹⁶ trata de seduzir, libera o segredo de seu gozo de rufião. Sem a metonímia que faz mucosa desta concha, não há ninguém de seu lado [*côté*] para pagar a cota [*écot*] que a histérica exige, a saber, que ela seja a causa de seu próprio desejo para seu próprio gozo.

Aqui se vê que a passagem do fato lingüístico ao sintoma é fácil e que o testemunho do psicanalista fica aí incluído. A gente se convence disso desde que começa a se exaltar com sua escuta: histeria de sua *middle age*. O caramujo também ouve a sua, é bem conhecido – que pretende ser o ruído do mar, sem dúvida de que se saiba que é ela que o tem escamado.

¹⁶ Romance de Guy de Maupassant [1885].

Não sofriam ainda da audição aqueles que queriam que eu brindasse mais honrarias a Jakobson pelo usufruto que ele me brindou.

São os mesmos que depois me fizeram objeção de que esse usufruto não foi adequado na metonímia.

A demora em se dar conta disso mostra que *cerúmen* os separa dos que ouvem antes que se faça parábolas.

Eles não tomaram ao pé da letra que a metonímia é com efeito o que determina como operação de crédito (*Verschiebung* quer dizer: transferência) o próprio mecanismo inconsciente em que é no entanto o ingresso-gozo sobre o que se extrai.

No que concerne ao significante que resume estes dois tropos, expresso mal, parece que ele *desloca* quando traduzo assim: *es entstellt* em algum lugar em meus *Escritos*. Que desfigure, no dicionário, me mandam dizer por expresso, inclusive por globo-sonda (ainda o truque da figura e do que aí se pode manusear). Pena que para um retorno a Freud em que se gostaria de admoestar-me, se ignore essa passagem do Moisés onde Freud mostra que ele entende assim a *Entstellung*, a saber, como deslocamento, porque, por mais arcaico que seja, está aí, diz, seu sentido primeiro.

Fazer passar o gozo ao inconsciente, isto é, à contabilidade, é com efeito um sagrado deslocamento.

Aliás se constatará, ao remeter-se, pelo índice de meu livro, desde essa palavra às passagens que mudam seu emprego, que traduzo (como se deve) segundo cada contexto.

É que não metaforizo a metáfora, nem metonimizo a metonímia para dizer que elas equivalem à condensação e ao deslocamento no inconsciente. Porém me desloco com o deslocamento do real no simbólico e me condenso para dar peso aos meus símbolos no real, como convém ao seguir as pegadas do inconsciente.